APAV®

associação portuguesa de Apoio à Vítima

RECORTES DE IMPRENSA

MARÇO 2021

Fernando Medina assinala Dia da Mulher com alerta contra crime de violência doméstica

Visitou as instalações da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) em Lisboa.

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Fernando Medina, assinalou o Dia Internacional da Mulher com um alerta contra o crime de violência doméstica, considerando que é uma das formas "mais extremas" da diferença que atinge as mulheres.

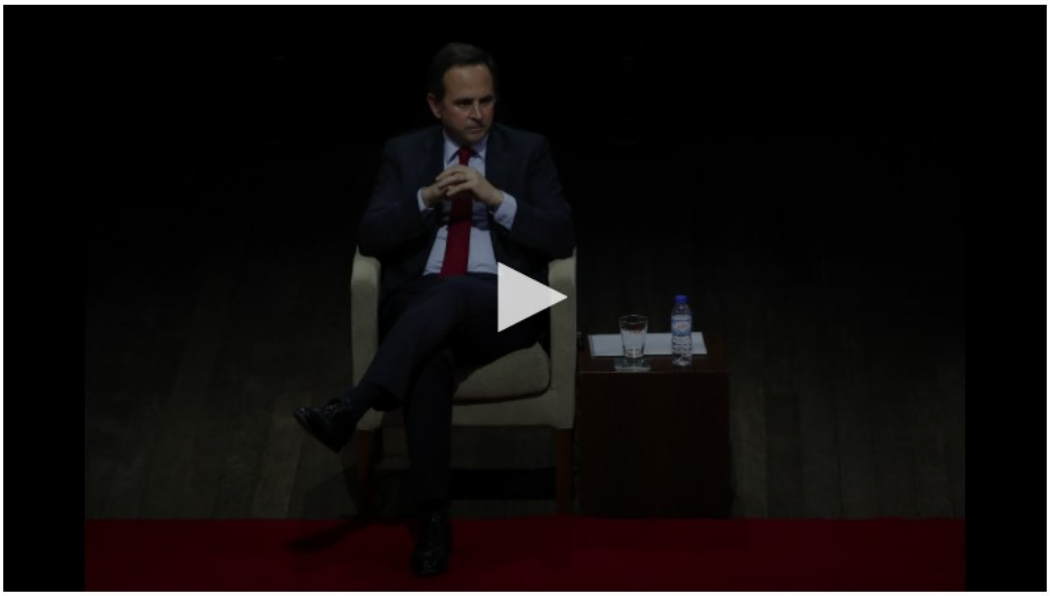
Numa visita às instalações da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) em Lisboa, Fernando Medina (PS) destacou o trabalho da instituição no combate aos diferentes crimes de violência, desenvolvido ao longo de 31 anos, deixando "uma palavra de agradecimento e de reconhecimento" à equipa de profissionais e voluntários.

> *"Quis fazê-lo, especificamente, neste dia porque se a APAV se dedica hoje a um vasto conjunto de vítimas, num muito alargado conjunto de violações de direitos fundamentais na nossa sociedade, há um que infelizmente se continua a destacar, que é o da violência doméstica e, na violência doméstica, é inequívoco que há vítimas primeiras à cabeça: mulheres", declarou o presidente da Câmara de Lisboa.*

Associando a visita ao Dia Internacional da Mulher, Fernando Medina disse que o município de Lisboa tem desenvolvido vários instrumentos de apoio às vítimas de violência doméstica, inclusive a disponibilização de casas de abrigo, realçando a parceria com a APAV, que tem sido "um parceiro absolutamente fundamental".

> *"Em plena pandemia, quando tanta coisa fechou, parou, suspendeu, a APAV continuou a fazer o seu trabalho", salientou o autarca.Mantendo o compromisso do município com o trabalho da APAV, o presidente da Câmara de Lisboa aproveitou para reforçar o "alerta coletivo" contra o crime de violência doméstica, classificando-o como "uma das formas mais extremas e aberrantes da diferença que atinge as mulheres".*

> *"E são tantas as diferenças e as discriminações que existem" contra as mulheres, enfatizou Fernando Medina, referindo que a violência doméstica "é, talvez, a área mais extrema", porque acontece no lar, "tantas vezes no silêncio, tantas vezes oculta".*



Apesar de se registarem avanços no combate à violência doméstica em Portugal, inclusive passou a ser crime público, o problema "continua a ser uma realidade, uma realidade que atinge sobretudo as mulheres", reforçou o autarca, defendendo que o trabalho da APAV "é da maior importância".

RÁDIO VIZELA
97.2FM

FC Vizela licita camisolas do jogo com o Mafra para a APAV

Camisolas com nomes de mulheres vítimas de violência doméstica podem ser licitadas até domingo

O Dia de Luto Nacional pelas Vítimas de Violência Doméstica foi assinalado no passado domingo. O FC Vizela associou-se à APAV a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima na luta contra a violência doméstica, e nesse sentido o clube está a promover mais uma ação solidária. Recorde-se que no último sábado, no jogo com o Mafra, os jogadores vizelenses entraram em campo com nomes de mulheres vítimas deste flagelo.

Agora as camisolas oficiais de todos os jogadores, convocados para esse jogo, encontram-se em licitação com o objetivo de ajudar a APAV, através da doação da totalidade da receita.

O valor base para a licitação de cada camisola é de 45 euros, e os interessados devem fazer a sua licitação nos comentários da fotografia onde surge a camisola pretendida.

A iniciativa é válida até às 23h59 de domingo, dia 14 de março

O FC Vizela faz ainda saber que "o vencedor de cada licitação será contactado por mensagem privada".

NOTÍCIAS AO MINUTO

Medina assinala Dia da Mulher com alerta contra violência doméstica

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Fernando Medina, assinalou hoje o Dia Internacional da Mulher com um alerta contra o crime de violência doméstica, considerando que é uma das formas "mais extremas" da diferença que atinge as mulheres.

Numa visita às instalações da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) em Lisboa, Fernando Medina (PS) destacou o trabalho da instituição no combate aos diferentes crimes de violência, desenvolvido ao longo de 31 anos, deixando "uma palavra de agradecimento e de reconhecimento" à equipa de profissionais e voluntários.

"Quis fazê-lo, especificamente, neste dia porque se a APAV se dedica hoje a um vasto conjunto de vítimas, num muito alargado conjunto de violações de direitos fundamentais na nossa sociedade, há um que infelizmente se continua a destacar, que é o da violência doméstica e, na violência doméstica, é inequívoco que há vítimas primeiras à cabeça: mulheres", declarou o presidente da Câmara de Lisboa.

Associando a visita ao Dia Internacional da Mulher, Fernando Medina disse que o município de Lisboa tem desenvolvido vários instrumentos de apoio às vítimas de violência doméstica, inclusive a disponibilização de casas de abrigo, realçando a parceria com a APAV, que tem sido "um parceiro absolutamente fundamental".

"Em plena pandemia, quando tanta coisa fechou, parou, suspendeu, a APAV continuou a fazer o seu trabalho", salientou o autarca.

Mantendo o compromisso do município com o trabalho da APAV, o presidente da Câmara de Lisboa aproveitou para reforçar o "alerta coletivo" contra o crime de violência doméstica, classificando-o como "uma das formas mais extremas e aberrantes da diferença que atinge as mulheres".

"E são tantas as diferenças e as discriminações que existem" contra as mulheres, enfatizou Fernando Medina, referindo que a violência doméstica "é, talvez, a área mais extrema", porque acontece no lar, "tantas vezes no silêncio, tantas vezes oculta".

Apesar de se registarem avanços no combate à violência doméstica em Portugal, inclusive passou a ser crime público, o problema "continua a ser uma realidade, uma realidade que atinge sobretudo as mulheres", reforçou o autarca, defendendo que o trabalho da APAV "é da maior importância".

Segundo dados do projeto "Violência contra as Mulheres e Violência Doméstica em Tempos de Pandemia", promovido pela APAV e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), relativos ao período entre 22 de março e 03 de maio de 2020 e de âmbito nacional, a instituição recebeu 683 denúncias de casos de violência durante o primeiro confinamento devido à pandemia de covid-19, em que 83% das vítimas são mulheres no contexto das relações de intimidade, em que a forma de violência mais marcante é a conjugação de violência psicológica com violência física.

Cristina Soeiro, vice-presidente da APAV, explicou que ainda não é possível concluir se houve um aumento de casos de violência durante o período de confinamento, adiantando que o projeto termina em maio deste ano, altura em que serão revelados os resultados finais.

Após a apresentação dos dados iniciais do projeto, com a participação do presidente da APAV, João Lázaro, o presidente da Câmara de Lisboa referiu que os números convocam toda a sociedade, reiterando o alerta contra o crime de violência doméstica.

"Estamos muito longe de poder dar por finda esta batalha e este compromisso com algo que atenta àquilo que é mais fundamental, que é o direito à segurança, a uma vida digna, em especial dentro do seu próprio lar", apontou Fernando Medina.

Durante a visita, a vereadora do Desenvolvimento Local e da Habitação da Câmara de Lisboa, Paula Marques, indicou que foram recebidos "mais pedidos de socorro" no contexto da pandemia de covid-19, adiantando que o município dispõe de58 casas de autonomização de pessoas em situação de violência doméstica, que são geridas por várias organizações, para separar a vítima ou as vítimas do agressor.

Registando "um acréscimo de procura" de casas de autonomização, Paula Marques assegurou que "não há listas de espera" e que as habitações são utilizadas à medida que vão sendo necessárias por parte das várias organizações, garantindo que a Câmara de Lisboa "está obviamente disponível" para reforçar a capacidade, inclusive este mês vão ser disponibilizadas mais duas casas de autonomização de vítimas de violência doméstica, através de uma nova parceria com mais uma organização.

DIÁRIO DO DISTRITO

Fernando Medina visita sede da APAV em Lisboa

Fernando Medina, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, visita hoje a Associação Portuguesa do Apoio à Vitima (APAV).

Na sede em Lisboa da associação, será recebido pela direção, onde um dos pontos discutidos em agenda será a caracterização e análise de um conjunto de dados reunidos pela APAV em colaboração com uma instituição universitária, tendo como ângulo o impacto da pandemia nos casos de violência doméstica em Portugal.

Reconquista,

Pais em tempos de crises: Violência doméstica em tempos de pandemia

Mário Freire - 04/03/2021 - 9:36

Será que o vírus da covid 19 se tem limitado a atacar o corpo, especialmente as vias respiratórias, ou ele também gera uma maior virulência nas relações domésticas? A resposta não parece difícil, tendo em consideração os dados que vão sendo disponibilizados por várias fontes.

Já em Junho do ano passado, a APAV (Associação de Apoio à Vítima) dizia que "pedidos de ajuda por vias telefónicas e digitais aumentaram 180% face ao primeiro trimestre de 2019." Traduzindo esta percentagem pelo número de ocorrências reportadas, durante o primeiro confinamento, a APAV registou 683 denúncias de casos de violência. De entre estes, a grande maioria das vítimas (83%) são mulheres, contra 17% de vítimas homens. Nestas percentagens estão incluídas 12,6% de violência contra crianças e 14,9% de violência contra idosos". Segundo o psicólogo Daniel Cotrim, da APAV, "a Covid, e especialmente nos momentos em que obriga ao confinamento, é uma lua-de-mel para o agressor", pois este, estando mais tempo e no mesmo espaço com a vítima, maior número de ocasiões tem para a provocar.

Num estudo da Escola Nacional de Saúde Pública (Universidade Nova de Lisboa) sobre "Violência Doméstica em tempos de Covid-19", cujos resultados preliminares foram divulgados no passado dia 27 de Janeiro, 15% dos respondentes dizem ter sido vítimas deste crime, descrevendo-o a esmagadora maioria das vítimas (13%) como consistindo em violência psicológica, 1% terá sido sexual e 0,9% física. Dos inquiridos que reportaram ter sido alvo de violência, mais de um terço (34%) indicaram tê-la sofrido pela primeira vez durante o período da pandemia. Ainda segundo este estudo, num total de 1062 respostas, a maioria das pessoas que disseram ser vítimas são do sexo feminino e 72% não procuraram ajuda ou não fizeram qualquer denúncia.

Como defender-se, no imediato, deste flagelo? Tem aparecido muita informação sobre ele, num tempo tão atípico, e maneiras de lhe fazer face.

A "denúncia", seja pela própria vítima, seja em relação a alguém que está a ser violentada, pode ser uma dessas maneiras. Outros comportamentos são sugeridos à vítima, quando ela tem autonomia, tais como: "sair de casa" ao ir à farmácia, padaria...; "informar" os vizinhos do prédio, fisicamente ou por telefone; "enviar mensagem ou telefonar" para amigos, familiares, conhecidos, polícia...; "organizar-se", separar chaves, documentos e roupas e deixar tudo pronto, caso preveja fugir; "fugir" em caso de agressão física, mesmo em confinamento, e procurar ajuda.

Não há países mais ou menos desenvolvidos, no que se refere à violência doméstica. E o seu combate passa por muitas frentes: família, escola, comunicação social, confissões religiosas, segurança social, polícia, investigação criminal, tribunais...

Fátima Missionária
OUTRA VISÃO DO MUNDO

Plataforma digital apoia migrantes

Website fornece aos internautas informações dedicadas a diversos âmbitos da vida, como a saúde, a habitação ou a discriminação, entre outros temas

"Lisboa Acolhe" é o nome de uma plataforma digital, criada com o propósito de "facilitar o acesso à informação a pessoas imigrantes e contribuir para que tenham conhecimento sobre os seus direitos, aumentando assim a igualdade de oportunidades", explicam os serviços de comunicação da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

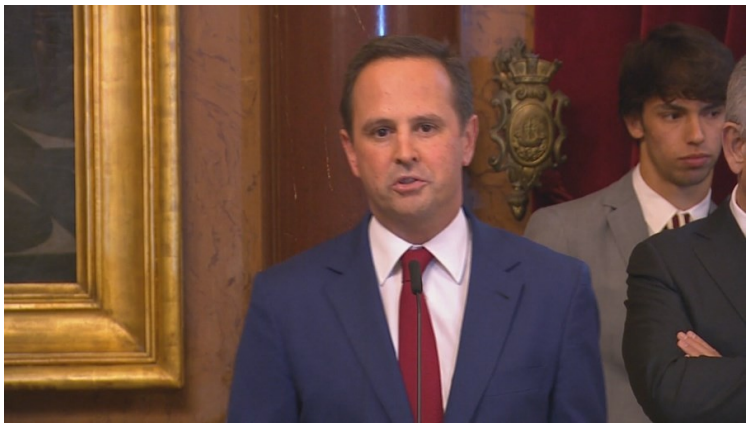
Através deste portal online, é possível encontrar "informações úteis sobre saúde, habitação, regularização, igualdade de género, discriminação e outros temas, fundamentais para as pessoas migrantes que vivem ou que queiram viver em Lisboa", adianta a APAV.

O portal "Lisboa Acolhe" foi concretizado pela Casa do Brasil de Lisboa, no contexto do II Plano Municipal para a Integração de Migrantes de Lisboa (2018-2020), financiado pelo Fundo para o Asilo, a Migração e a Integração, gerido pelo Alto Comissariado para as Migrações e pelo município de Lisboa.

A APAV associou-se e mantém a sua colaboração com o portal "Lisboa acolhe", "disponibilizando os seus serviços especializados de apoio a todas as pessoas migrantes vítimas de crime e violência", refere o organismo português.

Fernando Medina assinala Dia da Mulher com alerta contra crime de violência doméstica

Autarca defende que esta é uma das formas "mais extremas" da diferença que atinge as mulheres.



O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Fernando Medina, assinalou esta segunda-feira o Dia Internacional da Mulher com um alerta contra o crime de violência doméstica, considerando que é uma das formas "mais extremas" da diferença que atinge as mulheres.

Numa visita às instalações da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) em Lisboa, Fernando Medina (PS) destacou o trabalho da instituição no combate aos diferentes crimes de violência, desenvolvido ao longo de 31 anos, deixando "uma palavra de agradecimento e de reconhecimento" à equipa de profissionais e voluntários.

"Quis fazê-lo, especificamente, neste dia porque se a APAV se dedica hoje a um vasto conjunto de vítimas, num muito alargado conjunto de violações de direitos fundamentais na nossa sociedade, há um que infelizmente se continua a destacar, que é o da violência doméstica e, na violência doméstica, é inequívoco que há vítimas primeiras à cabeça: mulheres", declarou o presidente da Câmara de Lisboa.

Associando a visita ao Dia Internacional da Mulher, Fernando Medina disse que o município de Lisboa tem desenvolvido vários instrumentos de apoio às vítimas de violência doméstica, inclusive a disponibilização de casas de abrigo, realçando a parceria com a APAV, que tem sido "um parceiro absolutamente fundamental".

"Em plena pandemia, quando tanta coisa fechou, parou, suspendeu, a APAV continuou a fazer o seu trabalho", salientou o autarca.

Mantendo o compromisso do município com o trabalho da APAV, o presidente da Câmara de Lisboa aproveitou para reforçar o "alerta coletivo" contra o crime de violência doméstica, classificando-o como "uma das formas mais extremas e aberrantes da diferença que atinge as mulheres".

"E são tantas as diferenças e as discriminações que existem" contra as mulheres, enfatizou Fernando Medina, referindo que a violência doméstica "é, talvez, a área mais extrema", porque acontece no lar, "tantas vezes no silêncio, tantas vezes oculta".

Apesar de se registarem avanços no combate à violência doméstica em Portugal, inclusive passou a ser crime público, o problema "continua a ser uma realidade, uma realidade que atinge sobretudo as mulheres", reforçou o autarca, defendendo que o trabalho da APAV "é da maior importância".

Segundo dados do projeto "Violência contra as Mulheres e Violência Doméstica em Tempos de Pandemia", promovido pela APAV e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), relativos ao período entre 22 de março e 03 de maio de 2020 e de âmbito nacional, a instituição recebeu 683 denúncias de casos de violência durante o primeiro confinamento devido à pandemia de covid-19, em que 83% das vítimas são mulheres no contexto das relações de intimidade, em que a forma de violência mais marcante é a conjugação de violência psicológica com violência física.

Cristina Soeiro, vice-presidente da APAV, explicou que ainda não é possível concluir se houve um aumento de casos de violência durante o período de confinamento, adiantando que o projeto termina em maio deste ano, altura em que serão revelados os resultados finais.

Após a apresentação dos dados iniciais do projeto, com a participação do presidente da APAV, João Lázaro, o presidente da Câmara de Lisboa referiu que os números convocam toda a sociedade, reiterando o alerta contra o crime de violência doméstica.

"Estamos muito longe de poder dar por finda esta batalha e este compromisso com algo que atenta àquilo que é mais fundamental, que é o direito à segurança, a uma vida digna, em especial dentro do seu próprio lar", apontou Fernando Medina.

Durante a visita, a vereadora do Desenvolvimento Local e da Habitação da Câmara de Lisboa, Paula Marques, indicou que foram recebidos "mais pedidos de socorro" no contexto da pandemia de covid-19, adiantando que o município dispõe de 58 casas de autonomização de pessoas em situação de violência doméstica, que são geridas por várias organizações, para separar a vítima ou as vítimas do agressor.

Registando "um acréscimo de procura" de casas de autonomização, Paula Marques assegurou que "não há listas de espera" e que as habitações são utilizadas à medida que vão sendo necessárias por parte das várias organizações, garantindo que a Câmara de Lisboa "está obviamente disponível" para reforçar a capacidade, inclusive este mês vão ser disponibilizadas mais duas casas de autonomização de vítimas de violência doméstica, através de uma nova parceria com mais uma organização.

Diário de Notícias

Queixas de violência doméstica diminuem mas só nos meses do estado de emergência

GNR e PSP foram contactadas por menos pessoas vítimas de agressão dos cônjuges, mas o confinamento terá contribuído para baixar os números. E há mais abusos de natureza psicológica e sexual do que físicos.

Os números da violência doméstica em ano de pandemia baixaram junto da PSP, mas a quebra deste tipo de crime foi pouco significativa nos registos da GNR. E, se analisarmos os dados com mais pormenor, percebemos que as denúncias às forças de segurança diminuíram à medida que aumentava o número de casos de covid-19, sobretudo nos meses em que foi decretado o estado de emergência. Na GNR, março, abril, outubro, novembro e dezembro ficaram abaixo dos mil crimes mensais de violência doméstica, menos queixas que em igual período de 2019, contrariamente aos que se passou nos restantes meses do ano.

Os registos da GNR e da PSP indicam 27 660 crimes de violência doméstica o ano passado, dados provisórios a que o DN teve acesso. Representa uma diminuição de 6,3 % em relação a 2019 (29 498). Diminuição que é mais visível junto da PSP, com menos 9,6% denúncias (14 445). Já nas estatísticas da GNR, há uma quebra de 2,2% de casos (de 13 503 para 13 215). Mas só quatro meses de 2020 tiveram menos queixas que nos meses homólogos de 2019 e 2018.

As variações registadas o ano passado não significam, para quem anda no terreno, menos casos de violência doméstica, mas sim menos denúncias devido às restrições, nomeadamente de mobilidade, decorrentes da pandemia.

> **"No confinamento, entre março e maio, percebemos que houve uma diminuição de novos pedidos de ajuda. Depois, houve um aumento."**

"No período de confinamento entre março e maio, percebemos que houve uma diminuição de novos pedidos de ajuda. Depois, houve um aumento desses pedidos, a cifra negra terá aumentado: há um maior número de casos reportados nos meses seguintes. A partir de outubro, sentimos que houve uma estabilização no número de pessoas que nos contactaram. Já não havia o pânico relativamente à doença e, por outro lado, a vítima estava em teletrabalho com o agressor, o que limita a possibilidade de a vítima pedir de ajuda", explica Daniel Cotrim, psicólogo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), responsável pelas áreas da Violência Doméstica e de Género e pela da igualdade.

As associações são a primeira porta a que as vítimas recorrem em caso de abusos, só depois é que apresentam queixa nas polícias, segundo o técnico. **"Os crimes de violência doméstica continuam a existir e continuam a ser marcados pelo padrão de continuidade. Em geral, representam relações abusivas com dois, três e quatro anos, até ao momento da denúncia".**

A associação manteve sempre o atendimento durante o confinamento, com a diferença que nos períodos de estado de emergência este deve ser feito por marcação.

A PSP sublinha que "desde o anterior dever de recolhimento geral, implementado em março de 2020, iniciou um procedimento de contacto frequente com vítimas referenciadas por violência doméstica, no sentido de aferir a evolução da situação". Isto para prevenir a (re)vitimização e/ou entrada em espiral de violência, nos casos em que a vítima não tenha possibilidade de alertar as autoridades". O mesmo se passa em relação à GNR, que muitas vezes se desloca às comunidades rurais.

36 183 vítimas

Os 13 215 crimes de violência doméstica registados na GNR representaram 15 489 vítimas. Significa que em alguns casos há mais do que uma pessoa a sofrer agressões, sejam físicas ou psicológicas - 12 552 vítimas em 2018 e 15 986 em 2019. Foram detidos 237 agressores em 2020 - menos do que no ano anterior (333), mas mais do que em 2018 (225). Durante os processos de investigação, apreenderam 1051 armas.
Durante o ano de 2020, a PSP contabilizou 20 694 vítimas do crime de violência doméstica, menos 1574 pessoas do que em 2019 (22 268). Significa uma descida de 7,6% no número de pessoas vitimizadas.

As restrições no âmbito da pandemia significaram uma alteração no tipo de agressão que é exercida, segundo Daniel Cotrim. O facto de as pessoas estarem confinadas, em teletrabalho, a dividir um espaço com o agressor, reforçou a agressão psicológica.
"Há um aumento de violência psicológica: ameaças, injúria, humilhação, também o aumento da violência sexual. Continua a haver violência física, mas a psicológica é superior porque é exercida de uma forma silenciosa", explica o psicólogo.

Os crimes são executados em 84% dos casos pelo cônjuge, conclusão do Relatório de Segurança Interna de 2019. Neste ano, houve um aumento em 11,4 % (mais 3015) em relação a 2018, registando-se 29 498 crimes de violência doméstica.

DIÁRIO DO DISTRITO

APAV recebeu 520 pedidos de ajuda por violência durante confinamento em 2020

A APAV divulgou esta terça-feira os resultados do projeto 'Violência contra as Mulheres e Violência Doméstica (VMVD) em Tempos de Pandemia: caracterização, desafios e oportunidades no apoio à distância (AaD)'.

Este projeto, promovido pela APAV e financiado pela FCT e Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (Linha Gender Research 4 COVID-19), conta com a parceria da Egas Moniz – Cooperativa de Ensino Superior (LABPsi) e da Universidade Fernando Pessoa (UFP).

Durante o período de confinamento de 2020, entre 22 de março a 3 de maio, foram analisados 520 pedidos de ajuda reportados à APAV de violência contra as mulheres.

As vítimas tinham entre três meses e 101 anos, tendo uma média de 42 anos e uma maior incidência de idades entre os 21 e os 45 anos (46,3%).

Dos pedidos de ajuda: 62,5% eram de violência no contexto das relações de Intimidade; 16,2% eram de violência contra outros familiares; 11,8% eram de violência contra as pessoas idosas e 9,5% eram de violência contra crianças/adolescentes.

Destes pedidos de ajuda, um total de 455 (87,5%) das mulheres foram vítimas de violência doméstica, sendo as restantes 65 (12,5%) vítimas de outros tipos de violência.

Considerando os 65 pedidos de ajuda das vítimas de outros tipos de violência, foi possível observar que a maioria das pessoas agressoras eram homens (80,6%) com idades compreendidas entre os 11 e os 76 anos e o relacionamento entre vítima-pessoa agressora que foram observados variava entre um relacionamento de conhecidos (27,9%), outro tipo de relacionamento não familiar ou íntimo (27,9%), ausência de relacionamento (i.e., vítima desconhece pessoa agressora) (20,9%), vizinhos (11,6%), colegas (7%) e amigos (4,7%).

Os tipos de violência mais relatados foram crimes sexuais (23,1%), cibercrime (23,1%) e ofensas à integridade física (20,5%).

Lusa

BLOCO DE ESQUERDA DIZ QUE MULHERES SÃO QUEM MAIS SOFRE NA PANDEMIA

Artigo | 08/03/2021 11:31

GOSTO

O Bloco de Esquerda, através de uma nota enviada à redação, quis reforçar a importância do Dia Internacional da Mulher, congratulando "todas as mulheres, em particular as do BE, que tanto têm lutado pela causa feminista em defesa da igualdade de género."

"A pandemia também veio mostrar as grandes fragilidades das mulheres na nossa sociedade: no emprego, maioria dos novos desempregados de janeiro são mulheres (Portugal); na família, a maioria dos pedidos de ajuda no primeiro confinamento foi de mulheres; na violência, foram registadas em Portugal 683 novas queixas pela APAV só no primeiro confinamento", refere o partido num comunicado em que sublinha que "a ONU traz números assustadores em relação ao mundo, 15 milhões de mulheres são vítimas de violência doméstica em casa em três meses de confinamento e houve sete milhões de gravidezes indesejadas."

O BE, através de um comunicado de Luísa Santos, considera que "falta ainda muito para a igualdade e engana-se quem acha que o dia da mulher não tem importância." "Nas crises as mulheres sofrem mais, as desigualdades agravam-se. É necessário manter a luta e não baixar os braços. Há que denunciar as injustiças que as mulheres sofrem, Portugal reconhece os direitos na Lei, mas a sociedade ainda fecha os olhos em muitas situações concretas", acrescenta.

"Tudo isto reflete-se na saúde mental das mulheres, a exposição constante ao stress deixa danos muito grandes. É preciso protegê-las, muitas ficaram com os filhos em aulas em casa e a trabalhar ao mesmo tempo em teletrabalho. Algumas perderam os seus empregos e outras aguardam abertura dos hotéis que trabalhavam, muitas incertezas", conclui a bloquista.

Notícias de Vila Real

Murça estabelece parceria de proteção à vítima com a APAV

A Câmara Municipal de Murça celebrou uma parceria de intervenção e resposta às vítimas com a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) que contempla a implementação de uma equipa multidisciplinar de Apoio à Vitima (EMAV) no Concelho.

Esta iniciativa promove um melhor acesso aos inúmeros serviços da APAV, especializados em situações de intervenção junto às vítimas, através de uma maior proximidade com as comunidades, tendo como objetivo a prestação de serviços gratuitos, confidenciais e qualificados, de apoio emocional, jurídico, psicológico e prático, a vítimas de violência doméstica e de género. Sendo desta forma, ajustadas as soluções a cada contexto específico.

Com elementos com uma grande experiência em áreas distintas, como a psicologia ou o direito, a EMAV (Equipa Móvel de Apoio à Vítima) irá proporcionar às vítimas uma resposta multidimensional que pressupõe o fortalecimento e a intervenção junto dos grupos mais fragilizados, tendo em conta a complexidade das respostas a dar a esses desafios.

Com elementos com uma grande experiência em áreas distintas, como a psicologia ou o direito, a EMAV (Equipa Móvel de Apoio à Vítima) irá proporcionar às vítimas uma resposta multidimensional que pressupõe o fortalecimento e a intervenção junto dos grupos mais fragilizados, tendo em conta a complexidade das respostas a dar a esses desafios.

Além dos processos de análise e de intervenção, concretizados no atendimento a vítimas de crime, esta iniciativa inclui, de igual maneira, um enfoque na prevenção e sensibilização para as temáticas da violência, através da dinamização de ações junto da população em geral, da comunidade escolar e dos grupos mais vulneráveis.

A parceria com a APAV é mais uma medida de âmbito social da autarquia murcense, que vê nas suas políticas de proteção aos mais vulneráveis um dos vetores mais importantes para a melhoria das condições sociais e bem estar da população.

Porque é que elas ficam? A pergunta deve ser: porque é que eles batem?

O que potencia a permanência das mulheres nas relações conjugais violentas e porque há uma forte culpabilização da vítima? Neste episódio do Botequim, que conta com a participação do psicólogo Daniel Cotrim, da investigadora Dalila Cerejo e da secretária de Estado Rosa Monteiro, discute-se ainda o impacto da pandemia, as casas de abrigo e os programas de recuperação para agressores.

Todos os anos morrem em Portugal dezenas de mulheres às mãos de maridos ou companheiros, passados ou atuais. Em 2020 foram pelo menos 27. Em 2021 também já se registaram vítimas mortais de violência doméstica.

De acordo com dados da UMAR, União de Mulheres Alternativa e Resposta, nos últimos 16 anos já foram mortas 564 mulheres. São quase três mortes por mês desde 2004.

A Organização Mundial de Saúde estima que cerca de uma em cada três mulheres (35%) em todo o mundo já tenha sofrido violência física e/ou sexual por parte de um parceiro íntimo.

Em 2017, a violência doméstica fez 30 mil vítimas mortais em todo o mundo. De acordo com as Nações Unidas, a própria casa é o local onde a mulher corre o maior risco de ser assassinada.

A violência contra as mulheres é um fenómeno que atravessa classes sociais, idades e culturas. É considerado um dos mais graves problemas da sociedade portuguesa, que pode estar a ser camuflado e agravado pela pandemia.

Há uma agudização dos casos já existentes, com os pedidos de ajuda por vias telefónicas e digitais no primeiro confinamento a aumentarem 180%, por comparação ao primeiro trimestre de 2019. Também há registo de um crescimento de novo casos

O impacto da violência - que pode ser física, sexual ou psicológica - não se circunscreve às vítimas diretamente envolvidas, afetando também famílias, filhos e amigos.

Impõe-se, por isso, olhar com espírito crítico e cuidadoso para a forma como a sociedade e o Estado respondem a este tipo de crime. Para isso, este Botequim conta com a participação de:

Dalila Cerejo, professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e investigadora do Observatório Nacional de Violência e Género. Tem dedicado os últimos 17 anos a estudar as áreas de violência de género e violência contra a mulher.

Daniel Cotrim, psicólogo na APAV, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, onde é responsável pela área da Violência Doméstica e de Género.

Fátima Missionária
OUTRA VISÃO DO MUNDO

Crimes de ódio em foco em formação online

A videoconferência é uma ocasião para assinalar o Dia Internacional de Luta Contra a Discriminação Racial, e é aberta à participação de todos os interessados

A "discriminação e crimes de ódio" são temas que vão estar em foco no decorrer de uma videoconferência, que poderá ser acompanhada de forma gratuita, na próxima terça-feira, 23 de março, a partir das 11h00, em Portugal continental.

O encontro será uma ocasião para abordar os "obstáculos à denúncia e a invisibilidade" deste fenómeno. A orientar a palestra vai estar Joana Menezes, gestora do Projeto/Rede de Apoio à Vítima Migrante e de Discriminação.

A videoconferência constitui-se como um momento de formação da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), sendo direcionada a profissionais de várias áreas, estudantes, voluntários e estagiários. A iniciativa é uma forma de assinalar o Dia para a Eliminação da Discriminação Racial, data celebrada a 21 de março. As pessoas interessadas em participar devem proceder à sua inscrição online.

RÁDIO VIZELA
97.2FM

Termina hoje a licitação das camisolas do Vizela para a APAV

Camisolas com nomes de mulheres vítimas de violência doméstica podem ser licitadas até à meia noite de hoje

O Dia de Luto Nacional pelas Vítimas de Violência Doméstica foi assinalado no passado dia 07. O FC Vizela associou-se à APAV a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima na luta contra a violência doméstica, e nesse sentido o clube está a promover mais uma ação solidária. Recorde-se que no passado dia 06, no jogo com o Mafra, os jogadores vizelenses entraram em campo com nomes de mulheres vítimas deste flagelo nas sua camisolas.

Desde então as camisolas oficiais de todos os jogadores, convocados para esse jogo, encontram-se em licitação com o objetivo de ajudar a APAV, através da doação da totalidade da receita.

O valor base para a licitação de cada camisola é de 45 euros, e os interessados devem fazer a sua licitação nos comentários da fotografia onde surge a camisola pretendida, na página do Facebook do FC Vizela.

A iniciativa é válida até às 23h59 deste domingo.

OBSERVADOR

Teatro da Trindade reabre a 22 de abril com "Noite de estreia"

O Teatro da Trindade reabre a 22 de abril com a estreia da peça "Noite de estreia". Na véspera, haverá um ensaio cuja receita reverte na totalidade para a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

O Teatro da Trindade, em Lisboa, **reabre a 22 de abril com a estreia da peça** "**Noite de estreia**", um projeto de Martim Pedroso e da Nova Companhia, a partir do filme "Opening Night", de John Cassavetes, anunciou esta segunda-feira.

"Noite de Estreia" é um espetáculo sobre um filme que é sobre **o lugar da mulher na sociedade conservadora e patriarcal**, acrescenta uma nota do teatro dirigido por Diogo Infante.

A peça centra-se sobre uma atriz em crise existencial e em luta com a personagem que interpreta e o mundo em que vive, e tem interpretação de Dalila Carmo, Heitor Lourenço, João Araújo, João Reis, Margarida Bakker, Maria José Paschoal, Marta Félix e Sabri Lucas, numa coprodução do Teatro da Trindade INATEL, Nova Companhia e Teatro Nacional São João.

Na véspera da estreia, **haverá um ensaio solidário, às 20h00, cuja receita reverte na totalidade para a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)**. Uma semana depois, no dia 29, na sala Estúdio, estreará "Luiza de Jesus – A Assassina da Roda", um texto de Rute de Carvalho Serra adaptado pela própria autora para teatro, com encenação e interpretação de Maria Henrique.

CAROLINA DESLANDES APELA A QUE VIOLAÇÃO SE TORNE CRIME PÚBLICO. "ISTO É UMA MISSÃO DE TODOS"

Carolina Deslandes fez um vídeo a apelar à subscrição de uma petição pública cujo objetivo é levar a debate a mudança da legislação sobre o crime de violação, que é atualmente semipúblico.

Carolina Deslandes fez um apelo aos seus seguidores para assinarem uma petição pública que tem por objetivo tornar a violação um crime público. A cantora publicou um vídeo no Instagram onde explica as razões que a levam a apoiar a petição criada pela ativista Francisca de Magalhães Barros.

"Desde 2007 que a violação a crianças até aos 18 anos é considerada um crime público. O que é que acontece? Quando um crime é considerado um crime público, outras pessoas que não a própria vítima podem denunciar esta situação e as autoridades podem agir perante esta situação. Quando um crime é semipúblico significa que só a vítima pode denunciar, só a vítima é que pode fazer queixa", explica Carolina Deslandes.

De acordo com o artigo 178º do Código Penal, **"quando o procedimento pelos crimes previstos nos artigos 163.º [coação sexual] e 164.º [violação] depender de queixa, o Ministério Público pode dar início ao mesmo, no prazo de seis meses a contar da data em que tiver tido conhecimento do facto e dos seus autores, sempre que o interesse da vítima o aconselhe".**

"Como nós sabemos, infelizmente muitas destas situações vêm de um padrão comportamental de aterrorizar a vítima. A vítima não ter capacidade nem coragem de fazer queixa e o que acontece é que, se alguém assistir e se alguém souber e fizer queixa, as autoridades não podem agir perante o crime. Acho que isto é uma missão de todos, não só das mulheres mas de todos nós que queremos que o nosso País seja um lugar mais justo, mais seguro", acrescenta ainda a cantora.

Caso passe a ser um crime público, "**basta que o Ministério Público tenha conhecimento por qualquer via da sua ocorrência para instaurar o processo crime, isto é, o o processo é aberto independentemente da vontade da vítima, podendo ser denunciado por qualquer pessoa"**, como pode ler-se no documento INFOVÍTIMAS, disponibilizado no site da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Pandemia aumentou casos de violência doméstica e desigualdades para as mulheres

Portugal é o quinto país da UE com maior impacto da pandemia no mercado do trabalho e as mulheres foram as mais afetadas.

A APAV está a realizar um estudo para perceber o impacto da pandemia nos casos de violência doméstica. Em Lisboa já se sabe que os pedidos de ajuda aumentaram. Quanto ao mercado de trabalho, a covid-19 também acentuou - ainda mais - as desigualdades.

Entre março e maio do ano passado, durante o primeiro confinamento, chegaram à APAV 546 pedidos de ajuda por violência doméstica.

Num estudo, a APAV quer comparar os dados referentes a 2019 e 2020 sobre a violência doméstica e a violência contra as mulheres. O objetivo é perceber se o número de casos aumentou na pandemia. Os dados devem ser revelados em maio. Para já, sabe-se que em Lisboa, por exemplo, os pedidos de ajuda e alojamento em casas de autunomização aumentaram.

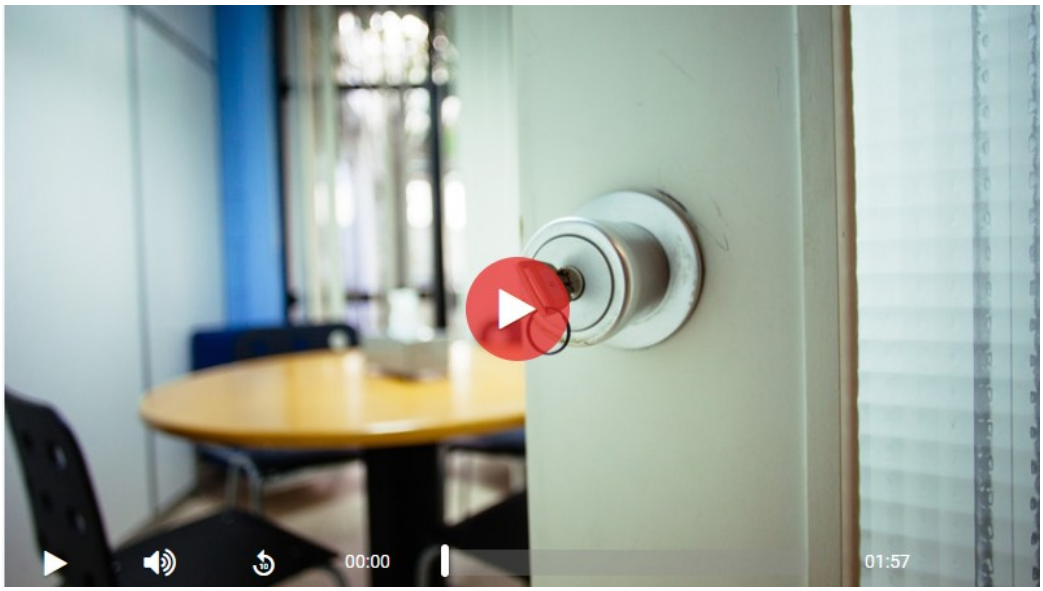
O impacto da pandemia nas mulheres não fica só pela violência doméstica. Se falarmos de mercado de trabalho, as desigualdades acentuam-se cada vez mais.

Dados de um novo estudo do Instituto Europeu da Igualdade de Género revelam que foram as mulheres que mais tiveram reduções de horários, mais horas não remuneradas e estão também em maioria no que toca ao teletrabalho. Se falarmos sobre a assistência a dependentes, são também as mulheres que abdicam mais do trabalho.

Elas têm, no entanto, mais escolaridade e até mais formação superior. Ainda assim, a taxa de emprego dos homens continua a ser superior. Portugal é, segundo a tabela da União Europeia, o quinto país onde o impacto da pandemia foi maior no mercado do trabalho – e as mulheres foram as mais afetadas.

RTP NOTÍCIAS

Músico canta a sua experiência como vítima de violência doméstica



As mulheres são as principais vítimas de violência doméstica. Representam perto de 80% dos casos oficiais. Mas também existem homens a sofrer em contexto familiar. A correspondente da Antena 1 em Paris conta-nos a história de um músico que se assumiu como vítima de violência doméstica e que agora vai cantar essa experiência.

As vendas do álbum revertem em exclusivo para a APAV, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

dnoticias.pt

Bloco de Esquerda afirma que "as mulheres são quem mais sofre na pandemia"

O Bloco de Esquerda Madeira reforça a importância de se abordar o Dia Internacional da Mulher e afirma que a pandemia tem vindo a mostrar as grandes fragilidades das mulheres na nossa sociedade.

No emprego, indica que a maioria dos novos desempregados de Janeiro, em Portugal, são mulheres; que a maioria dos pedidos de ajuda no primeiro confinamento foi de mulheres; e que foram registadas, em Portugal, 683 novas queixas pela APAV só no primeiro confinamento.

Num comunicado dirigido à imprensa, a comissão regional do Bloco considera que "falta ainda muito para a igualdade" e "engana-se quem acha que o dia da mulher não tem importância". "Nas crises as mulheres sofrem mais, as desigualdades agravam-se. É necessário manter a luta e não baixar os braços. Há que denunciar as injustiças que as mulheres sofrem, Portugal reconhece os direitos na Lei, mas a sociedade ainda fecha os olhos em muitas situações concretas", indica.

Luísa Santos afirma que tudo isto se reflecte na saúde mental das mulheres, pois a exposição constante ao stress deixa danos muito grandes. Por isso, "é preciso protegê-las, pois muitas ficaram com os filhos em aulas em casa e a trabalhar ao mesmo tempo em teletrabalho. Algumas perderam os seus empregos e outras aguardam abertura dos hotéis que trabalhavam, muitas incertezas".

Processos por perseguição de pessoas quase duplicam em cinco anos

"A partir do momento em que a vítima deixa uma relação abusiva, na maioria das vezes, a pessoa agressora decide encetar a perseguição", diz especialista da APAV

Foto: Paulo Jorge Magalhães/Global Imagens

O Ministério Público iniciou 907 inquéritos criminais no ano passado. Especialistas avisam que é preciso levar aumento a sério.

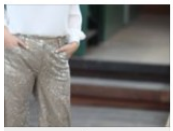
Aos 74 anos, admitiu em tribunal que regou com gasolina a mulher, com 68, e ateou-lhe fogo, depois de 15 dias a persegui-la por não aceitar o fim do casamento. A mulher morreu. O caso é um exemplo de como o crime de perseguição pode rapidamente escalar para comportamentos que, no limite, podem levar à morte. Daí que os especialistas

QUEIXAS POR PERSEGUIÇÃO E ASSÉDIO QUASE QUE DUPLICARAM DESDE 2016

Em 2020, foram registados 907 inquéritos abertos pelo Ministério Público pelo crime de perseguição, mais 425 do que há cinco anos. Especialista alerta que é preciso levar a sério o fenómeno no País.

Em cinco anos, o número de queixas e inquéritos abertos pelo Ministério Público por crimes de perseguição de pessoas, incluindo stalking ou assédio persistente, duplicou. Estes comportamentos são punidos por lei desde 2015, e os números mostram um aumento exponencial desde 2016: se há cinco anos os inquéritos abertos pelo crime de perseguição eram 482, no ano passado, em 2020, foram registados 907.

De acordo com Marlene Matos, coordenadora do Grupo de Investigação sobre Stalking da Universidade do Minho, os dados de 2020 revelam "uma maior consciencialização para o problema", salienta o "Jornal de Notícias". A especialista, que é coautora de uma investigação sobre o tema, avança dados do mesmo estudo que concluem que **a relação previamente existente entre perseguidor e vítima pode corresponder a "comportamentos mais intrusivos e mais ameaçadores"**, além de "maior risco de insistência e reincidência".



HO MONIZ FOI VÍTIMA DE
, RECORREU À JUSTIÇA MAS
CEU NADA"

igo

"O aumento destas queixas está na sua grande maioria associada ao crime de violência doméstica. A partir do momento em que a vítima deixa uma relação abusiva, na maioria das vezes, a pessoa agressora decide encetar a perseguição", disse à mesma publicação Daniel Cotrim, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. O representante da APAV acrescentou ainda que um comportamento inofensivo por parte do perseguidor pode escalar rapidamente.

"O problema é a aceitação, por parte dos outros e das autoridades, de que aquele é um comportamento de risco. Falamos em **mensagens carinhosas ou tentativas de marcação de encontros que, se não forem tidas em conta, podem degenerar em casos de tentativas de homicídio"**, alerta Daniel Cotrim.

TRANCOSO MUNICÍPIO

Dia Europeu das Vítimas do Terrorismo

Hoje, dia 11 de março, assinala-se o , data instituída em 2004 pela Comissão Europeia, como forma de prestar homenagem a todas as vítimas de atentados em ataques terroristas na Europa.

Na origem da criação deste Dia, estiveram os atentados na estação ferroviária de Atocha, em Madrid, que decorreram a 11 de março de 2004, que vitimaram 193 pessoas e deixando feridos mais de 2000. A juntar a este atentado, temos os atentados às Torres Gémeas em Nova Iorque, a 11 de setembro de 2001 em que morreram quase três mil pessoas e ainda em Londres, em 2005, os ataques islâmicos ocorridos a 7 de julho.

A Comissão Europeia realiza conferências neste dia tendo como objetivo principal, a prevenção do terrorismo, juntamente com a Rede Europeia das Vítimas de Terrorismo (NAVT). A APAV também é parte integrante desta rede, sendo que já desde 2016, tem acompanhado e apoiado as vítimas familiares e amigos de vítimas de atentados terroristas ocorridos no estrangeiro através da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e Terrorismo (RAFAVHVT).

Neste dia, importa não só relembrar as vítimas que sucumbiram nestes atentados, mas também todos aqueles que continuam a sofrer diariamente, com os traumas causados por estes ataques, no âmbito psicológico e social, que se imaginam duradouros e profundos.

SAPOTEK

Facebook reportou mais de 20 milhões de casos de exploração sexual de crianças online em 2020

Um novo relatório revela que o número de denúncias de conteúdos online relacionados com a exploração sexual de crianças registou um aumento de 28% face a 2019. Além do Facebook, a Google, a Microsoft, o Snapchat, o Twitter e o TikTok então entre as plataformas online que mais denúncias fizeram em 2020.

Embora organizações como o National Center for Missing and Exploited Children (NCMEC) estejam empenhadas na luta contra a exploração sexual de crianças, o número de imagens e vídeos a circular na Internet aumentou significativamente devido à pandemia de COVID-19. Em 2020 o NCMEC recebeu 21,7 milhões de denúncias através da sua CyberTipline, com a vasta maioria a serem realizadas por plataformas online.

Os mais recentes dados da organização revelam que o Facebook foi a plataforma que reportou mais casos de exploração sexual de crianças online, num total de 20.307.216 denúncias. Em destaque estão também as denúncias feitas por empresas como a Google (546.704) e Microsoft (96,776), assim como por redes sociais como o Snapchat (144.095), o Twitter (65.062) e o TikTok (22.692).

O NCMEC indica que o número de denúncias realizadas em 2020 registou um aumento de 28% face a 2019, altura em que o valor já ultrapassava os 16 milhões. Ao todo, foram reportados 65,4 milhões de imagens, vídeos e outros ficheiros. Deste universo, 10,4 milhões de imagens ainda não tinham sido identificadas pela organização ou pelas autoridades.

Mais de 21,6 milhões de denúncias relacionam-se com casos de pornografia infantil. Entre as tendências preocupantes está também o aliciamento de menores, que registou um aumento de 97,5 em relação a 2020, passando de 19.174 para 37.872 casos.

Ainda antes do NCMEC apresentar o seu relatório, o Facebook já tinha dado a conhecer que estava a desenvolver novas ferramentas para ajudar na luta contra a exploração sexual de crianças online.

Numa publicação no seu blog oficial, a empresa liderada por Mark Zuckerberg explicou que, de acordo com uma recente análise, grande parte do conteúdo relacionado com abuso sexual de crianças já tinha sido identificado anteriormente e estava agora a ser partilhado novamente entre utilizadores. As cópias de seis vídeos em específico foram responsáveis por mais de metade do conteúdo reportado em matéria de exploração sexual de menores.

Recorde-se que, no ano passado, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e a Polícia Judiciária (PJ) confirmaram um aumento da exploração sexual de crianças e jovens através da Internet durante o período da pandemia, com um aumento das tentativas de contacto através das redes sociais.

Mais recentemente, a propósito do Dia da Internet mais Segura, a APAV revelou que a Linha Internet Segura recebeu 544 denúncias sobre com conteúdos de abusos sexuais de menores online. Foi também possível categorizar 1.773 imagens e, em cinco casos, denunciar conteúdos de abuso sexual de menores alojados em Portugal.

Diário de Notícias

APAV apoiou mais de 13.000 vítimas diretas no ano passado

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apoiou no ano passado mais de 13.000 vítimas diretas de mais de 19.600 crimes e outras formas de violência e recebeu uma média de 38 chamadas por dia.

Lusa
29 Março 2021 — 10:00

Segundo o relatório anual de 2020, no ano em que comemorou 30 anos de existência, a APAV registou 66.408 atendimentos de pessoas vítimas ou não de crimes, para esclarecimento de informações e outros assuntos.

Cerca de 75% do total de vítimas diretas de crime eram do sexo feminino e as faixas etárias mais frequentes situavam-se entre os 25 e os 54 anos de idade, representando um total de 38,3%.

Os crimes contra as pessoas (95,1%) tiveram um maior destaque no ano passado, com especial relevo para os crimes de violência doméstica (75,4%). Já os crimes contra o património, que em 2020 representaram 2,5% do total assinalado pela APAV, registaram um aumento de 0,7% em relação ao ano anterior.

De acordo com os dados da APAV, de um total de 13.093 vítimas diretas, a associação registou 13.113 autores/as de crime. Destes, cerca de 56% eram do sexo masculino e tinham idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (21,1%). No que diz respeito à relação entre vítima e autor/a do crime, as relações de intimidade (44,2%) foram as mais assinaladas.

Nos vários serviços de proximidade - Gabinetes de Apoio a` Vítima, Equipas Moveis de Apoio a` Vítima, Polos de Atendimento em Itinerância, Sistema Integrado de Apoio a` Distância, Sub-Redes Especializadas, Casas de Abrigo e Linha Internet Segura -- foram registados 66.408 atendimentos.

A APAV refere que apoiou vítimas diretas de 290 municípios dos 308 existentes (94% do território nacional), registou 19.697 crimes e outras formas de violência e promoveu 1.227 atividades formativas (48% destinadas a crianças e jovens).

A associação lembra que o ano de 2020 foi pautado pelo aparecimento da pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e que, "com todos os constrangimentos inerentes a uma nova realidade", se teve de adaptar e reinventar "dia após dia".

A vitimação continuada continua a prevalecer, segundo a APAV, e os locais do crime mais referenciados foram a residência comum (54,1%) e a residência da vítima (16%).

Em cerca de 46% das situações foi formalizada queixa /denúncia junto de pelo menos uma entidade policial, o que representa um aumento de 4% face aos registos de 2019.

Quanto ao número médio de vítimas por ano, a APAV indica 8.720 mulheres, 1.841 crianças, 1.627 homens e 1.626 pessoas idosas.

Quanto aos contactos recebidos, a APAV indica que os contactos telefónicos (61,6%) e presenciais (29,6%) continuam a ser os principais, mas sublinha que no apoio 'online' se verificou uma subida de 5,9% face ao ano anterior, com um registo de 17,7% dos contactos efetuados.

"Foi também percebida a subida percentual dos contactos telefónicos face aos presenciais, com uma elevação de 4,2%. O aumento da utilização de ferramentas de apoio à distância, como o telefone e o apoio 'online', poderá ter sido condicionada pelas restrições vividas em 2020, em consequência da situação pandémica", sublinha.

No que se refere à referenciação das vítimas, o relatório da APAV indica que uma em cada cinco (20,4%) são referenciadas pelos órgãos de polícia criminal e 13,4% por amigos/conhecidos.

"O número de referenciações efetuadas para a APAV reforçam o reconhecimento da associação junto das comunidades locais e das restantes instituições com as quais articula", sublinha a associação.

Quanto ao perfil geral das vítimas apoiadas diretamente, a APAV refere que são maioritariamente do sexo feminino (74,9%), com uma média de 40 anos de idade e que a relação com o autor/a do crime é conjugal na maior parte dos casos (18.2%).

No que se refere às vítimas crianças e jovens, são maioritariamente do sexo feminino (59,7%) com uma média de 10 anos de idade e filhos/as do/a agressor/a.

O perfil que a APAV define para as vítimas do sexo masculino indica que a faixa etária predominante é a dos adultos (56,9%), seguida de crianças (29,3%) e idosos (15,3%). Contudo, a média de idades das vítimas do sexo masculino situa-se nos 36 anos e a maior parte (16,1%) são filhos do/a autor/a do crime, seguindo-se os cônjuges (10,8%).

Já no caso das pessoas idosas, o perfil das vítimas traçado indica que a maioria são mulheres (72,1%), com uma média de 76 anos de idade e, na maior parte dos casos (33,8%) são pai/mãe do autor do crime. Em 22,7% dos casos são cônjuges.

Público

APAV

Cinco crianças por dia, 167 mulheres por semana: sobe o número de vítimas de crimes apoiadas pela APAV

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima registou aumento do número de apoios num ano atípico: foram mais de 13 mil. A maioria dos crimes foram contra as pessoas, 75% dos quais de violência doméstica.

Joana Gorjão Henriques
29 de Março de 2021, 12:20

Receber notificações

Foi um ano atípico por causa da pandemia, sublinha o relatório anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) mas, mesmo assim, em 2020 esta entidade apoiou directamente 13.093 vítimas, mais do que no ano anterior em que se registaram 11.676 apoios. Dos crimes identificados, a esmagadora maioria foi contra as pessoas e, desses, 75% corresponderam a violência doméstica.

Feitas as contas anuais, a APAV apoiou 8720 vítimas do sexo feminino, o que deu uma média de 24 pessoas por dia ou de 167 por semana. Isto correspondeu a mais uma pessoa do sexo feminino por dia das que foram apoiadas em 2020. Além disso, os dados mostram que a APAV prestou ajuda a uma média de cinco crianças por dia, num total de 1841

durante o ano. Em relação às pessoas idosas os atendimentos situaram-se numa média de quatro por dia, para um total de 1626 idosos durante o ano, praticamente o mesmo número de elementos do sexo masculino — 1627 —, que receberam apoio da APAV em 2020. Também em relação a crianças, idosos e pessoas do sexo masculino os números subiram relativamente ao ano anterior, em que a APAV apoiou uma média de quatro crianças, quatro homens e quatro idosos por dia.

Em ano de pandemia, "um dos objectivos foi afirmar a essencialidade de apoios à vítima como serviço de primeira linha", comentou ao PÚBLICO João Lázaro, presidente da APAV. "O aumento é significativo face à conjuntura: a maior parte do ano a APAV esteve sem serviços presenciais abertos. Com o dever de confinamento o grande desafio foi chegar às pessoas que fossem vítimas de crimes. É claramente um sinal de que conseguimos estar na linha da frente", acrescenta. João Lázaro sublinha que a criminalidade mudou, houve menos furtos, mas subiu a preocupação com a violência intra-familiar.

Lendo o relatório anual da APAV, este é o perfil típico da vítima que apoiaram em 2020: a maioria do sexo feminino (quase 75%), tinha uma média de 40 anos e, em 18,2% dos casos em que foi possível apurar, era cônjuge do agressor. Já as crianças identificadas foram igualmente do sexo feminino (quase 60%), tinham uma média de dez anos, e num terço dos casos eram filhos do agressor.

Quanto às pessoas idosas, 72% identificadas eram do sexo feminino, tinham 76 anos, em um terço das situações era a mãe ou pai do agressor e em 22% seu cônjuge. Quanto às vítimas do sexo masculino, 57% eram adultos, 29% crianças e 15% idosos; tinham uma média de 36 anos; em 16% eram filhos do agressor e em quase 11% seu cônjuge.

Em relação aos autores dos crimes 65% eram do sexo masculino. As idades mais comuns das vítimas e agressores situaram-se entre os 25 e os 54 anos mas no caso das vítimas essa faixa etária representou quase 40% do total, enquanto nos agressores correspondeu a 21%.

Os vários serviços da APAV — Gabinetes de Apoio à Vítima, Equipas Móveis de Apoio à Vítima, Pólos de Atendimento em Itinerância, Sistema Integrado de Apoio à Distância, Sub-Redes Especializadas, Casas de Abrigo e Linha Internet Segura — fizeram um total 66.408 atendimentos.

Isto significa uma média de 38 chamadas por dia, e um registo de 19.697 crimes e outras formas de violência. Quase metade das situações deu origem a uma queixa formal junto de menos uma entidade policial, e isso correspondeu a um aumento de 4% face a 2019, nota ainda o relatório.

Esta organização está a estudar o reflexo da pandemia com o projecto de investigação científica *Violência contra as Mulheres e Violência Doméstica (VMVD) em Tempos de Pandemia: caracterização, desafios e oportunidades no apoio à distância,* financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e conta com a parceria da Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior (LABPsi) e da Universidade Fernando Pessoa.

PAÍS

atualizado 29 Março 2021, 09:38

Pedidos de ajuda à APAV aumentam 22%

por Antena 1

Durante o ano passado, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima voltou a registar um acentuado aumento dos pedidos de ajuda.

As situações de violência doméstica continuam a ser as mais reportadas - quase 15 mil contactos -, mas diminuíram 37 por cento face a 2019.

Daniel Cotrim diz que, em muitos casos, as vítimas não conseguiram ter margem para pedir ajuda. Mas há uma tendência que se manteve, em relação ao ano anterior: as mulheres continuam a ser as principais vítimas.

A PLANÍCIE 40 anos

APAV apoiou mais de 13 mil vítimas em 2020. Moura registou 6 casos

In Notícias, Região Março 29, 2021 Redacção 131 Views 0 comments

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apoiou no ano passado mais de 13.000 vítimas directas de mais de 19.600 crimes e outras formas de violência e recebeu uma média de 38 chamadas por dia.

Segundo o relatório anual de 2020, agora publicado, no ano em que comemorou 30 anos de existência, a APAV registou 66.408 atendimentos de pessoas vítimas ou não de crimes, para esclarecimento de informações e outros assuntos.

Cerca de 75% do total de vítimas directas de crime eram do sexo feminino e as faixas etárias mais frequentes situavam-se entre os 25 e os 54 anos de idade, representando um total de 38,3%.
Os crimes contra as pessoas (95,1%) tiveram um maior destaque no ano passado, com especial relevo para os crimes de violência doméstica (75,4%). Já os crimes contra o património, que em 2020 representaram 2,5% do total assinalado pela APAV, registaram um aumento de 0,7% em relação ao ano anterior.

Nos vários serviços de proximidade – Gabinetes de Apoio a` Vítima, Equipas Moveis de Apoio a` Vítima, Polos de Atendimento em Itinerância, Sistema Integrado de Apoio a` Distância, Sub-Redes Especializadas, Casas de Abrigo e Linha Internet Segura — foram registados 66.408 atendimentos.
A APAV refere que apoiou vítimas directas de 290 municípios dos 308 existentes (94% do território nacional), registou 19.697 crimes e outras formas de violência e promoveu 1.227 actividades formativas (48% destinadas a crianças e jovens). O concelho de Moura registou 6 casos.

A associação lembra que o ano de 2020 foi pautado pelo aparecimento da pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e que, “com todos os constrangimentos inerentes a uma nova realidade”, se teve de adaptar e reinventar “dia após dia”.

VISÃO

POLÍTICA

29.03.2021 às 09h52

LUSA

APAV apoiou mais de 13.000 vítimas diretas no ano passado

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apoiou no ano passado mais de 13.000 vítimas diretas de mais de 19.600 crimes e outras formas de violência e recebeu uma média de 38 chamadas por dia

Segundo o relatório anual de 2020, no ano em que comemorou 30 anos de existência, a APAV registou 66.408 atendimentos de pessoas vítimas ou não de crimes, para esclarecimento de informações e outros assuntos.

Cerca de 75% do total de vítimas diretas de crime eram do sexo feminino e as faixas etárias mais frequentes situavam-se entre os 25 e os 54 anos de idade, representando um total de 38,3%.

Os crimes contra as pessoas (95,1%) tiveram um maior destaque no ano passado, com especial relevo para os crimes de violência doméstica (75,4%). Já os crimes contra o património, que em 2020 representaram 2,5% do total assinalado pela APAV, registaram um aumento de 0,7% em relação ao ano anterior.

De acordo com os dados da APAV, de um total de 13.093 vítimas diretas, a associação registou 13.113 autores/as de crime. Destes, cerca de 56% eram do sexo masculino e tinham idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (21,1%). No que diz respeito à relação entre vítima e autor/a do crime, as relações de intimidade (44,2%) foram as mais assinaladas.

Nos vários serviços de proximidade – Gabinetes de Apoio a` Vítima, Equipas Moveis de Apoio a` Vítima, Polos de Atendimento em Itinerância, Sistema Integrado de Apoio a` Distância, Sub-Redes Especializadas, Casas de Abrigo e Linha Internet Segura — foram registados 66.408 atendimentos.

A APAV refere que apoiou vítimas diretas de 290 municípios dos 308 existentes (94% do território nacional), registou 19.697 crimes e outras formas de violência e promoveu 1.227 atividades formativas (48% destinadas a crianças e jovens).

A associação lembra que o ano de 2020 foi pautado pelo aparecimento da pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e que, “com todos os constrangimentos inerentes a uma nova realidade”, se teve de adaptar e reinventar “dia após dia”.

A vitimação continuada continua a prevalecer, segundo a APAV, e os locais do crime mais referenciados foram a residência comum (54,1%) e a residência da vítima (16%).

Em cerca de 46% das situações foi formalizada queixa /denúncia junto de pelo menos uma entidade policial, o que representa um aumento de 4% face aos registos de 2019.

Quanto ao número médio de vítimas por ano, a APAV indica 8.720 mulheres, 1.841 crianças, 1.627 homens e 1.626 pessoas idosas.

Quanto aos contactos recebidos, a APAV indica que os contactos telefónicos (61,6%) e presenciais (29,6%) continuam a ser os principais, mas sublinha que no apoio 'online' se verificou uma subida de 5,9% face ao ano anterior, com um registo de 17,7% dos contactos efetuados.

"Foi também percebida a subida percentual dos contactos telefónicos face aos presenciais, com uma elevação de 4,2%. O aumento da utilização de ferramentas de apoio à distância, como o telefone e o apoio 'online', poderá ter sido condicionada pelas restrições vividas em 2020, em consequência da situação pandémica", sublinha.

No que se refere à referenciação das vítimas, o relatório da APAV indica que uma em cada cinco (20,4%) são referenciadas pelos órgãos de polícia criminal e 13,4% por amigos/conhecidos.

"O número de referenciações efetuadas para a APAV reforçam o reconhecimento da associação junto das comunidades locais e das restantes instituições com as quais articula", sublinha a associação.

Quanto ao perfil geral das vítimas apoiadas diretamente, a APAV refere que são maioritariamente do sexo feminino (74,9%), com uma média de 40 anos de idade e que a relação com o autor/a do crime é conjugal na maior parte dos casos (18.2%).

No que se refere às vítimas crianças e jovens, são maioritariamente do sexo feminino (59,7%) com uma média de 10 anos de idade e filhos/as do/a agressor/a.

O perfil que a APAV define para as vítimas do sexo masculino indica que a faixa etária predominante é a dos adultos (56,9%), seguida de crianças (29,3%) e idosos (15,3%). Contudo, a média de idades das vítimas do sexo masculino situa-se nos 36 anos e a maior parte (16,1%) são filhos do/a autor/a do crime, seguindo-se os cônjuges (10,8%).

Já no caso das pessoas idosas, o perfil das vítimas traçado indica que a maioria são mulheres (72,1%), com uma média de 76 anos de idade e, na maior parte dos casos (33,8%) são pai/mãe do autor do crime. Em 22,7% dos casos são cônjuges.

SO // HB

APAV apoiou mais de 13 mil vítimas de violência doméstica e outros crimes em 2020

29.03.2021

Número de atendimentos aumentou 20% face a 2019.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) ajudou, no ano passado, mais de 13 mil vítimas de violência doméstica e de outros crimes, mais cerca de 1.500 pessoas em relação ao ano anterior.
Num ano em que a pandemia condicionou e dificultou a vida de muitos, a APAV recebeu uma média de 38 chamadas por dia.

A violência doméstica continua a representar a maioria das situações que chegam à APAV, no ano passado foram comunicados quase 15 mil casos.

O que a pandemia não veio alterar foi o perfil das vítimas deste crime: 75% continua a ser mulher, tem uma média de 40 anos e uma relação conjugal com o agressor.

Estes e outros números estão no relatório de 2020 apresentado esta segunda-feira.

ESQUERDA

APAV regista aumento de violência contra idosos

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) acaba de divulgar o boletim estatístico relativo a 2020. Verifica-se que as mulheres e meninas continuam a ser as principais vítimas de violência doméstica e regista-se um aumento de mais de 20% nas agressões a idosos.

30 de Março, 2021 - 15:00h

A APAV divulgou na segunda-feira as "Estatísticas APAV-Relatório Anual 2020"(link is external), onde se encontram compilados os dados relativos aos processos acompanhados por esta associação.

No ano passado, a APAV apoiou diretamente 13.093 pessoas, de um total de 66.408 atendimentos. Cerca de 75% do total de vítimas diretas de crime eram do sexo feminino. As faixas etárias mais frequentes situavam-se entre os 25 e os 54 anos de idade, representando um total de 38,3%.

Destas vítimas, 12,4% são pessoas idosas, a maior percentagem de sempre desde a criação da associação em 1990. 72% das vítimas idosas são mulheres com uma idade média de 76 anos. A maioria dos autores dos crimes são os filhos ou os cônjuges, a que correspondem a 33,8% e 22,7%, respetivamente. Do sexo masculino, 15,3% das vítimas são pessoas idosas.

Constata-se que os autores dos crimes de violência são predominantemente do sexo masculino. De facto, de um total de 13.093 vítimas diretas, a APAV registou 13.113 autores/as de crime. Destes, 65% eram do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (21,1%).

Comentando estes dados, em declarações ao Esquerda.net, a deputada do Bloco de Esquerda Sandra Cunha considera que “infelizmente os números grotescos da violência contra idosos e contra mulheres e crianças já não surpreendem. As condições que o confinamento impõe são propícias à violência, o agressor tem toda a liberdade para exercer maior controle e as vítimas estão mais isoladas e mais manietadas na sua capacidade de pedir ajuda ou de sair de relações de violência”.

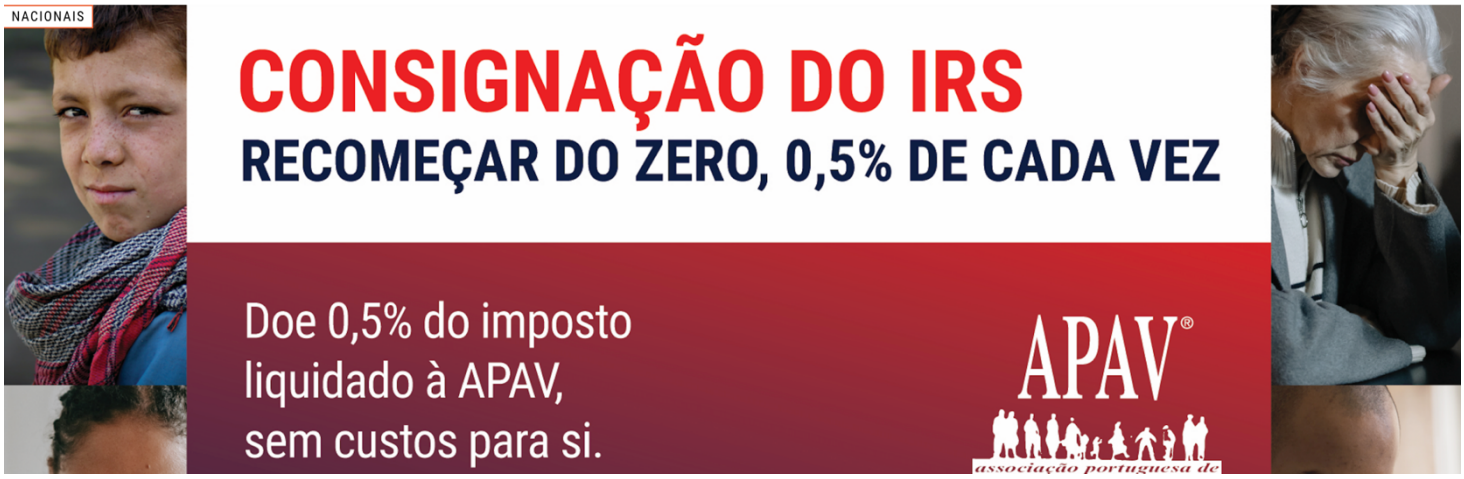
A deputada conclui que é necessário “garantir mecanismos de proteção mais eficazes" e que isso "é uma responsabilidade coletiva e é urgente assegurar condições para a autonomia das vitimas de violência doméstica, garantindo-lhes proteção no emprego e na habitação.”

+Algarve
O ALGARVE NUM CLIQUE

APAV lança campanha para Consignação de IRS

31 MARÇO 2021

NACIONAIS



A APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima lança a sua campanha anual de consignação do IRS, para que os contribuintes decidam doar 0,5% na declaração anual de IRS, escolhendo a instituição. Sob o tema 'Recomeçar do zero, 0,5% de cada vez', a ação nos média e redes sociais apela a que parte do valor a pagar anualmente de IRS, em vez de reverter para o Estado, seja doado à APAV pelo contribuinte, sem qualquer custo para o mesmo.

Mais de metade dos contribuintes portugueses não faz a consignação do IRS na sua declaração anual de rendimentos, sendo que 18% não sabe sequer que o pode fazer. A medida permite aos contribuintes doar 0,5% na declaração anual de IRS a uma entidade à sua escolha.

Os dados são de um estudo de 2020 da empresa de estudos de mercado GfK Portugal e mostram ainda que, entre os inquiridos que conhecem esta forma de contribuição mas não a utilizam, 27% não o faz porque "se esquece, não sabe como ou não tem informação". É assim importante recordar este mecanismo, no arranque da época de entrega do IRS e num ano em que esta doação pode ser vital para a continuidade das instituições.

Página APAV Consignação do IRS em apav.pt/irs

APAV apoiou mais de 13 mil vítimas de violência no ano passado

30 de Março, 2021

violência doméstica

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apoiou, no ano passado, mais de 13 mil vítimas diretas de mais de 19.600 crimes e outras formas de violência e recebeu uma média de 38 chamadas por dia. No distrito de Beja foram apoiadas 53 vítimas.

Segundo o relatório anual de 2020, no ano em que comemorou 30 anos de existência, a APAV registou 66.408 atendimentos de pessoas vítimas ou não de crimes, para esclarecimento de informações e outros assuntos.

Cerca de 75% do total de vítimas diretas de crime eram do sexo feminino e as faixas etárias mais frequentes situavam-se entre os 25 e os 54 anos de idade, representando um total de 38,3%.

Os crimes contra as pessoas (95,1%) tiveram um maior destaque no ano passado, com especial relevo para os crimes de violência doméstica (75,4%).

Das 53 vítimas apoiadas no distrito de Beja, em 2020, 21 eram residentes no concelho de Beja, 6 em Aljustrel, 6 em Moura e 4 em Serpa. Nos concelhos de Almodôvar, Castro Verde,

Odemira, Ourique e Vidigueira houve o registo de 3 pessoas apoiadas em cada município. No concelho de Mértola uma pessoa recebeu apoio.

Nos restantes municípios – Alvito, Barrancos, Cuba e Ferreira do Alentejo – a APVA não registou nenhum caso.

De acordo com os dados da APAV, de um total de 13.093 vítimas diretas, a associação registou 13.113 autores/as de crime. Destes, cerca de 56% eram do sexo masculino e tinham idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (21,1%). No que diz respeito à relação entre vítima e autor/a do crime, as relações de intimidade (44,2%) foram as mais assinaladas.

Nos vários serviços de proximidade – Gabinetes de Apoio à Vítima, Equipas Moveis de Apoio à Vítima, Polos de Atendimento em Itinerância, Sistema Integrado de Apoio à Distância, Sub-Redes Especializadas, Casas de Abrigo e Linha Internet Segura – foram registados 66.408 atendimentos.

A APAV refere que apoiou vítimas diretas de 290 municípios dos 308 existentes (94% do território nacional), registou 19.697 crimes e outras formas de violência e promoveu 1.227 atividades formativas (48% destinadas a crianças e jovens).

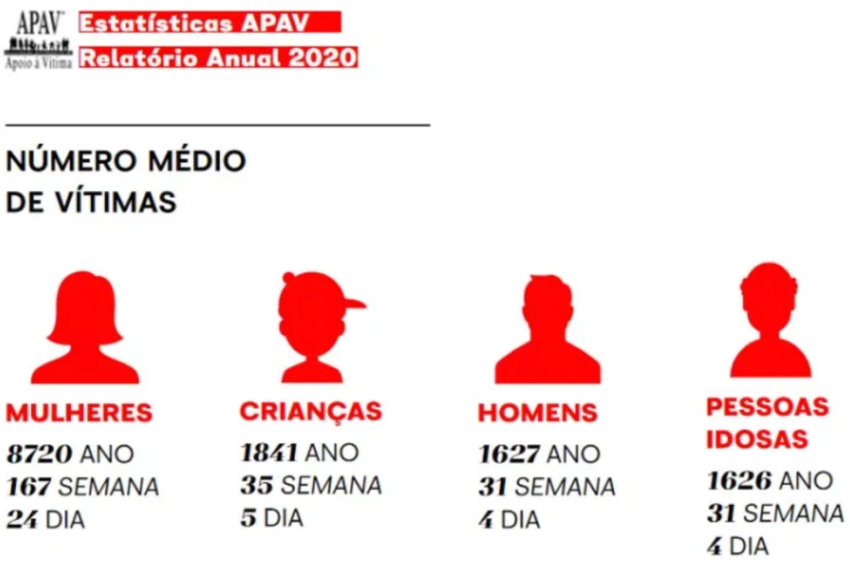
Quanto ao número médio de vítimas por ano, a APAV indica 8.720 mulheres, 1.841 crianças, 1.627 homens e 1.626 pessoas idosas.

Rádio Pax/ Lusa

DIÁRIO DO DISTRITO

APAV: Setúbal e Almada lideram os atendimentos a vítimas no distrito

Carmo Torres 2 semanas atrás Última Actualização Março 30, 2021 2 minutos a ler



A APAV divulgou as Estatísticas APAV | Relatório Anual 2020 com os dados estatísticos reltivos aos processos de apoio desenvolvidos presencialmente, por telefone e online, no ano transato, pelos 69 serviços de proximidade da APAV.

Face ao trabalho desenvolvido em conjunto com autoridades e entidades nacionais e internacionais, a APAV apoiou diretamente 13.093 pessoas, de um total de 66.408 atendimentos nos vários serviços de proximidade (Gabinetes de Apoio à Vítima, Equipas Móveis de Apoio à Vítima, Polos de Atendimento em Itinerância, Sistema Integrado de Apoio à Distância, Sub-Redes Especializadas, Casas de Abrigo e Linha Internet Segura).

Cerca de 75% do total de vítimas diretas de crime eram do sexo feminino, cujas faixas etárias mais frequentes se situavam entre os 25 e os 54 anos de idade, representando um total de 38,3%.

Já de um total de 13.093 vítimas diretas, a APAV registou 13.113 autores/as de crime, sendo que destes, 65% eram do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (21,1%).

No distrito de Setúbal, os concelhos de Almada e de Setúbal lideram no número de vítimas apoiadas pela APAV, com um total de 181 e 163 atendimentos, respectivamente.

Seguem-se Seixal (130), Barreiro (106), Moita (57), Palmela (55), Montijo (39), Sesimbra (47), Santiago do Cacém (19), Alcochete (17), Sines (9), Grândola (8) e Alcácer do Sal (5).

A APAV recebeu uma média de 38 chamadas por dia e apoiou vítimas diretas de 290 municípios dos 308 existentes (94% do território nacional), e registou 19.697 crimes e outras formas de violência.

Os crimes contra as pessoas (95,1%), tiveram um maior destaque, com especial relevo para os crimes de Violência Doméstica (75,4%) e os crimes contra o património que, em 2020, representaram 2,5% do total assinalado pela APAV, registaram um aumento de 0,7% face ao ano transato.

Os locais do crime mais referenciados nos crimes foram a residência comum (54,1%) e a residência da vítima (16%) e em cerca de 46% das situações foi formalizada queixa /denúncia junto de pelo menos uma entidade policial, representando um aumento de 4% face aos registos de 2019.

O relatório destaca ainda «a atipicidade do ano de 2020, ano pautado pelo aparecimento da pandemia causada pelo covid19, viu o seu reflexo em alguns dos indicadores recolhidos e analisados neste relatório e que, oportunamente serão identificados».

O Notícias da Trofa
www.onoticiasdatrofa.pt

APAV partilha vídeo de aluna de S. Romão sobre violência doméstica

Texto de NT | 21:30, 30 Março 2021 | Edição 738

A performance de uma aluna da Escola Básica e Secundária do Coronado e Castro na leitura de um texto literário sobre violência doméstica chamou a atenção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). O trabalho em vídeo resultou do projeto escolar “Leitura em movimento – um baú d’estórias para contar”.

O projeto já existia desde o ano passado, mas ganhou novo contexto mais recentemente, com o período de confinamento. O “Leitura em movimento – um baú d’estórias para contar” foi uma ideia lançada por alguns professores do departamento de Línguas do Agrupamento de Escolas do Coronado e Castro, em articulação com a Biblioteca Escolar.

E para Cristina Martins, uma das docentes envolvidas projeto ouvidas pelo NT, esta é uma prova que, mesmo à distância, na escola “consegue-se fazer coisas muito interessantes e muito válidas sobre temas que dizem respeito a toda a comunidade”.

O projeto caracteriza-se por desafiar os alunos a elaborarem um vídeo, no qual “recriassem excertos de obras, poemas de autor ou os seus próprios textos, escritos nas disciplinas de Português e Leitura Recreativa, associando-os a datas comemorativas como o Dia Mundial da Mulher, da Poesia, da Árvore, do livro Português, entre outros”.

Um dos trabalhos deu nas vistas, ao ponto de merecer reconhecimento exterior. Trata-se do vídeo elaborado pela aluna do 9.º ano da Escola Básica e Secundária do Coronado e Castro, Sara Castro, alusivo à violência doméstica.

“Ela foi muito perspicaz na escolha de um trecho de uma obra, que não faz parte das leituras da escolaridade, tratando-se de uma obra escolhida por ela, o que demonstra uma sensibilidade acrescida”, referiu a docente.

A caracterização que Sara Castro escolheu, à medida que lia o texto, potenciou a emoção na receção da mensagem, o que fez a APAV, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, partilhar o vídeo na plataforma interna.

O assessor técnico da direção da APAV, Nuno Catarino, em email, felicitou a jovem e sublinhou a importância de “sensibilizar a comunidade, sobretudo a escolar” para estes assuntos. “Este tipo de trabalhos e iniciativas é importante para passar a mensagem”, acrescentou Nuno Catarino, que anunciou ainda a publicação do vídeo no canal de Youtube da APAV.

Além de Sara, outros alunos participaram no projeto, com trabalhos que ficarão disponíveis no blogue das bibliotecas do Agrupamento de Escolas e serão levados às mais variadas turmas e espaços da comunidade educativa. Um dos que já se pode ver no site das bibliotecas é o reconto do conto “A Galinha”, de Eça de Queirós, num vídeo em que os alunos criaram avatars, através de programa de computador, para dar vida às personagens.

Os vídeos podem também ser vistos no canal de Youtube, em www.youtube.com/user/CastroTV1/
“Há meninos que têm tanto para dar, que merecem sair do anonimato. Lançar-lhes desafios é apostar neles, naquilo que de mais genuíno têm e os diferencia do outro. E a Escola tem o direito e a obrigação de passar por aqui, de não se limitar à instrução ou à transmissão de conhecimentos”, defendeu Cristina Martins.

RÁDIO VIZELA
97.2FM

Termina hoje a licitação das camisolas do Vizela para a APAV

Camisolas com nomes de mulheres vítimas de violência doméstica podem ser licitadas até à meia noite de hoje

O Dia de Luto Nacional pelas Vítimas de Violência Doméstica foi assinalado no passado dia 07. O FC Vizela associou-se à APAV a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima na luta contra a violência doméstica, e nesse sentido o clube está a promover mais uma ação solidária. Recorde-se que no passado dia 06, no jogo com o Mafra, os jogadores vizelenses entraram em campo com nomes de mulheres vítimas deste flagelo nas sua camisolas.

Desde então as camisolas oficiais de todos os jogadores, convocados para esse jogo, encontram-se em licitação com o objetivo de ajudar a APAV, através da doação da totalidade da receita.
O valor base para a licitação de cada camisola é de 45 euros, e os interessados devem fazer a sua licitação nos comentários da fotografia onde surge a camisola pretendida, na página do Facebook do FC Vizela.

A iniciativa é válida até às 23h59 deste domingo.

FUTEBOL CLUBE VIZELA

FC VIZELA ENTREGA DONATIVO À APAV

O donativo resultante da campanha de angariação de fundos para a APAV | Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, realizada este mês, aquando da realização do jogo com o Mafra, foi entregue esta sexta-feira pelo FC Vizela, representado pelo nosso jogador David.

Em representação da APAV esteve Marta Mendes, que agradeceu a iniciativa e reforçou o espírito de colaboração entre as duas instituições: «É sempre importante este contributo das pessoas, aproveitando a dimensão que o futebol e o desporto em geral traz à sensibilização da comunidade para estas causas», salientou.

Impala news
PORTAL DE NOTÍCIAS

Todos os dias 24 mulheres e cinco crianças são agredidas, segundo a APAV

ATUALIDADE
30 Mar 2021 | 15:20

Em cada dia do ano passado, uma média de 24 mulheres, cinco crianças, quatro homens e outros tantos idosos foram vítimas de um crime, segundo os dados do Relatório Anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

Em cada dia do ano passado, uma média de 24 mulheres, cinco crianças, quatro homens e outros tantos idosos foram vítimas de um crime, segundo os dados do Relatório Anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Foram identificadas 13 093 vítimas, entre as quais 8720 mulheres, 1841 crianças, 1627 homens e 1626 idosos. Houve, contudo, relativamente a 2019, um decréscimo dos crimes, incluindo de violência doméstica, mas um número maior de homicídios e de tentativas de assassinato.

A APAV contabilizou 19 697 crimes e outras formas de violência no ano passado. Cerca de 75% das situações assinaladas estiveram relacionadas com violência doméstica, ainda que em decréscimo. A mesma tendência seguem outros tipos de criminalidade em 2020.

“Só com o tempo é que vamos perceber melhor estes dados. Mas os períodos de confinamento terão tido uma influência decisiva na diminuição do número de crimes”, sustenta Raquel Simão ao JN.

Em tendência contrária estão os crimes relacionados com a devassa da vida privada, como gravações e fotografias.

WWW.
JORNAL DO
CENTRO.PT

APAV atendeu mais de 120 vítimas da região de Viseu em 2020

Aguiar da Beira, Sernancelhe, São Pedro do Sul, Penalva do Castelo e Oliveira de Frades entraram na lista. Penedono sai

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) atendeu 121 vítimas oriundas da região de Viseu em 2020.

O balanço foi divulgado esta segunda-feira (29 de março) no último relatório anual da associação de apoio à vítima. O número representa um aumento face aos dados de 2019, em que a APAV apontou para mais de 110 vítimas atendidas.

Num ano marcado pela pandemia da Covid-19, Viseu continuou a ser o concelho com mais vítimas, passando de 27 em 2019 para 29 em 2020. Em comparação com o ano anterior, há cinco concelhos que passaram a entrar na lista da APAV.

Oliveira de Frades e Penalva do Castelo passaram a registar três vítimas cada em 2020. São Pedro do Sul foi mais longe: quatro vítimas. Já Sernancelhe e Aguiar da Beira registaram uma vítima.

Alguns concelhos notaram algumas descidas, como é o caso de Tondela (que, de 12 em 2019, passou para 7 no ano passado), Vouzela (de 3 para 2), Castro Daire (de 3 para 1), Cinfães (de 13 para 8), Moimenta da Beira (de 6 para 1), São João da Pesqueira (de 5 para 2) e Lamego (de 13 para 12).

Por outro lado, os concelhos que registaram subidas foram Armamar (de 3 para 6), Mangualde (de 1 para 3), Nelas (de 4 para 5), Resende (de 5 para 7), Sátão (de 1 para 7), Tarouca (de 2 para 8) e Vila Nova de Paiva (de 2 para 3).

Outros municípios como Penedono (que teve duas pessoas em 2019) deixaram de ter vítimas atendidas pela APAV no último ano.

Ao todo, a nível nacional, foram apoiadas 13.093 pessoas e feitos 66.408 atendimentos. Os crimes contra as

pessoas foram os mais registados pela APAV em 2020, com 95,1 por cento dos crimes apurados.

Dos 19.697 crimes registados, a grande maioria (14.854) eram casos de violência doméstica e de maus-tratos físicos e psíquicos. 724 foram ameaças e coações, enquanto 504 foram difamações e injúrias.

A APAV registou ainda 292 crimes de abuso sexual de crianças, 111 de assédio sexual, 42 de bullying, 108 de cibercrime e 18 de subtração de menores, entre outros crimes.

Em média, a vítima é mulher, tem 40 anos e frequentou o ensino superior, o ensino secundário ou o terceiro ciclo. Boa parte dos autores dos crimes são cônjuges, companheiros, pais e até filhos das vítimas.

Se as vítimas são geralmente do sexo feminino (74,9 por cento), os autores são predominantemente homens (65%) e com idades entre os 35 e os 54 anos.

Em cerca de 46% das situações, foi formalizada queixa ou denúncia junto das autoridades.